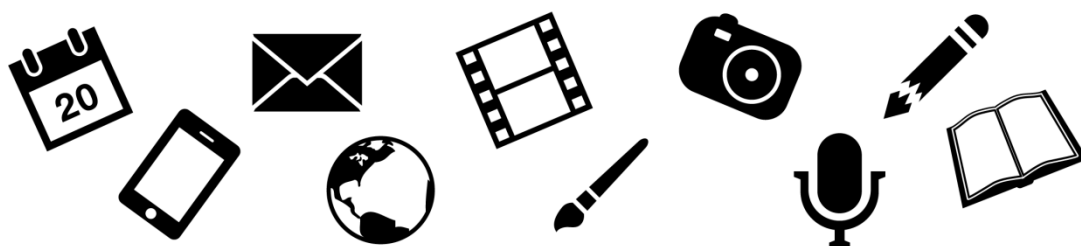




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

29, 30 e 31 de março de 2014

Notícias do Dia
Carlos Damião
"Um organismo vivo"

Um organismo vivo / Universidade / Ensino superior / Sociedade / UFSC / José Boiteux / Instituto Politécnico / Henrique da Silva Nunes / Américo da Silveira Nunes / Othon da Gama Lobo d'Eça / Faculdade de Direito

CARLOS DAMIÃO



● **A cidade se reflete no campus da UFSC.**
pág. 61



CARLOS DAMIÃO
carlosdamião@gmail.com
@damião_ND

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 29 E 30 DE MARÇO DE 2014

61

PONTO FINAL

Um organismo vivo

Uma universidade é um organismo vivo, que oculta/revela a própria dinâmica social e cultural da comunidade onde está inserida. Não existe homogeneidade de pensamento, muito menos de comportamento: a universidade é um reflexo da sociedade, da mesma forma que o Congresso Nacional, as assembleias legislativas e as câmaras de vereadores.

O próprio nome "universidade" esconde uma grandeza extraordinária: vem do latim *universitas*, um conjunto de seres ou coisas que constituem um todo", conforme o historiador e filósofo português Joaquim de Carvalho. A história vem do século 13, quando surgiram as primeiras instituições do gênero, dentro do espírito *Universitas magistrorum et scholarium*, ou seja, de reunir mestres e estudantes com o objetivo de desenvolver estudos superiores.

Dito isso, precisamos entender também que historicamente – e isso vem da Idade Média – os governos e a Igreja (quando a Igreja era parte do Estado) concediam espaço e respeitavam as universidades, como centros de difusão do saber, do crescimento cultural e da formação da cidadania. Claro que houve uma evolução natural do ensino superior, com diferentes características, em diferentes países, mas a essência segue sendo a mesma, oito séculos depois, inclusive quanto às universidades (os *campi*) constituírem um mundo à parte.

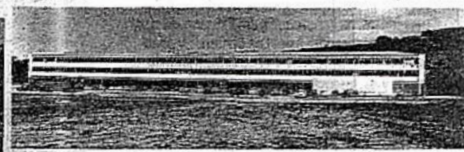
Por ser um organismo vivo, uma universidade não tem padrões pré-estabelecidos. É acolhedora e estimulante. De seus quadros acadêmicos podem sair gênios da ciência, da literatura, do direito ou da medicina. Mas isso não é regra, porque a universidade é o que é a sociedade, com todos os seus defeitos, virtudes, diferenças e desvios.

Memória de Florianópolis



Primórdios da UFSC, antiga Fazenda Assis Brasil

A UFSC, centro de um episódio lamentável ocorrido no início da semana – e que ainda tem graves consequências –, foi uma das mais importantes conquistas catarinenses em todos os tempos, fruto de um esforço coletivo desenvolvido por lideranças acadêmicas, autoridades e empresários. Sua "semente" está lá em 1917, quando José Boiteux fundou o Instituto Politécnico. Em 1932, Boiteux, Henrique da Silva Nunes, Américo da Silveira Nunes, Othon da Gama Lobo d'Eça, entre outros, criaram a Faculdade de Direito, instituição que daria origem à UFSC – com outros cursos isolados –, em 1960.



O lendário CEB (Centro de Estudos Básicos) em 1970



Panorâmica registrada em 2007: uma cidade dentro da cidade

Vivi intensamente a nossa universidade no fim do regime militar. Não era muito diferente, no âmbito interno, do que é na atualidade, embora tivesse menos cursos, menos alunos e professores. Era um ambiente vivo, dinâmico e enriquecedor, apesar da repressão da ditadura. Tinha um clima de convivência política e cultural muito evidente no movimento estudantil, do qual fiz parte. Havia crises, havia alunos destemperados, mal-educados, ou desregrados. Mas, como eu disse no início, a universidade é um espelho da sociedade: se há drogas em todos os ambientes, e não se diga que isso é mentira, por que não haveria no *campus*?

No meio da confusão, na quarta-feira, escrevi uma nota aqui sobre o grande desafio da UFSC, do qual a reitoria e todo o corpo administrativo não podem fugir: a universidade precisa de uma sacudida, tem que se reorganizar. Cresceu demais, como a cidade cresceu demais também. E a história da cidade se reflete no *campus*: a explosão populacional aumentou as demandas públicas. Mas o setor público – no caso da UFSC, a sua administração interna – não acompanhou e não atende essas demandas. Entre as quais está o ponto-chave do caso: a insegurança. Causada pelo tráfico de drogas? Também. Mas não só.

Notícias do Dia Especial "Reitoria desocupada"

Reitoria desocupada / UFSC / Luiz Novaski / Valdenir Rosa / Roberto Coutinho do Prado / Solange Maria / Ruy Ferrari / Nélio Prado / Ariana Lohmeyer / Democracia / Movimento Chega de Baderna / Reitoria / Acordo / Tropa de Choque da PM / Polícia Militar / Festas / Universidade Federal de Santa Catarina / Drogas / PF / Polícia Federal / Termo de compromisso / Roselane Neckel / Desocupação / Levante do Bosque / Eduarda Leite Contezini / Chefe de Gabinete da Reitoria / Carlos Vieira / Bandeira do Brasil / Bandeira Nacional / Movimento LGBT / Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e simpatizantes

Especial

NOTÍCIAS DO DIA 3
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 29 E 30 DE MARÇO DE 2014

EDITOR: Rodrigo Lima | redacao@noticiasodia.com.br | @ND_online | REPORTAGEM: Leonardo Thomé, Fábio Bispo, Colombo de Souza e Keli Magri

Opiniões

Repercussão do editorial do Grupo RIC, publicado na edição de sexta-feira do Notícias do Dia

É correto o editorial. Eu só lamento pelos alunos de bem que estudam na UFSC, que correm o sério risco de serem rotulados de "moçoquinhos" quando apresentarem o diploma (que deveria ser motivo de orgulho), quando na busca de colocação no mercado de trabalho. Lamentável!

Luiz Novaski, advogado

É não entenda como pode ainda ter gente que defende esses caras. Teria uma sugestão: quando tiverem filhos, manda para a universidade aprender a cair nas drogas. Parabéns à polícia!

Valdenir Rosa, Joinville

É excelente editorial. O Grupo RIC há muito luta pela imparcialidade, como é técnica da imprensa eficaz. Há muito passou o bonde dessa reitoria comum, não comprometida com o UFSC dos gatorinenses. Caiu de paraquedas e vem envolvendo tudo e todos. Autonomia para os estudantes não significa ser ilegal, deixar de ser atingido pelas leis e responsabilidades de seus atos. Estudante deve estudar, assim como contraventor, marginal deve ser preso e pagar por seus estragos. A continuar assim a universidade que já foi referência décadas atrás caminha para o ostracismo.

Roberto Coutinho do Prado

É assim embaixo".
Solange Maria, UFSC

É mais claro impossível. Este texto sim traduz a realidade. É uma pena que algumas emissoras insistam em deturpar os fatos, transformando a polícia em vilã e alguns "estudantes" em coitados. Está nitido (pois conheço aquela realidade e muitos estudantes e professores do campus) que o problema da segurança e do tráfico de drogas é uma realidade naquele complexo. Espera também que a reitoria se posiciona de modo firme e, com o apoio da maioria, cure esta ferida!

Ruy Ferrari, Joinville

É a baderna e a subversão social não era apenas discurso fácil dos militares nos anos de chumbo. Eles são alternativas (além dos métodos de Gramsci) para se chegar à terra arrasada e nela, finalmente, ver brotar o ideal das comunas, sem o estado dito burguês e capitalista organizado, para atrapalhar os seus intentos. Parabéns pelo editorial do ND!

Nélio Prado

É jornalismo de verdade, não são como umas e outras que ficam fazendo apologia ao uso de drogas no campus... parabéns!

Ariana Lohmeyer, servidora da Fundação Catarinense de Educação Especial



Democracia. Integrantes do movimento Chega de Baderna hasteiam a bandeira nacional em frente à reitoria que ficou ocupada por quase 70 horas

Reitoria desocupada

UFSC. Acordo da reitoria com alunos prevê proibição da PM no campus e liberação de festas

Depois de quase 70 horas de ocupação e negociações, cerca de 150 estudantes deixaram a reitoria da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) no final da tarde de sexta-feira. Eles invadiram o prédio na noite de terça-feira, após o confronto entre estudantes e a Tropa de Choque da PM (Polícia Militar), por conta de uma operação de repressão a drogas, da PF (Polícia Federal) dentro do campus. Um termo de compromisso foi assinado pela reitora Roselane Neckel, que estabelece 13 itens a serem cumpridos pela administração da universidade (veja todas as cláusulas na página 4). Destes, oito pontos foram acatados integralmente pelos estudantes, como a revogação do memorando 022/2014 que autoriza a entrada da PM na universidade e a proibição de festas no campus, e cinco acatados parcialmente. Antes de deixar a reitoria, os alunos fizeram um mutirão para limpar o prédio.

A desocupação do principal prédio da UFSC ocorreu após três dias de negociações entre

a cúpula da universidade e integrantes do movimento Levante do Bosque. Uma assembleia na sexta definiu a saída da reitoria, depois de os alunos discutirem o termo de compromisso. "A desocupação aconteceu. Mas o movimento segue em busca de uma UFSC popular", destacou Eduarda Leite Contezini, 20 anos, que participou da ocupação.

Uma audiência para apresentar novos ajustes à reitoria está marcada para segunda-feira. Roselane afirmou que é contra o consumo e o tráfico de drogas, e voltou a reiterar sua posição contra a ação das polícias Federal e Militar no campus. "Não tomamos posicionamento criminalizando a polícia, mas sim questionamos a metodologia aplicada, defendendo o uso da inteligência", disse.

O chefe de gabinete da reitoria, Carlos Vieira, não escondia que tirou um peso das costas. A partir de agora, ressaltou, as confusões dos últimos dias devem ser esquecidas e a comunidade acadêmica precisa pensar no futuro.

Bandeira do Brasil volta ao mastro

Um grupo de estudantes, contrários à ocupação, denominado Chega de Baderna, saiu do prédio da nova reitoria, fora do campus, e caminhou até o prédio da antiga reitoria, com cartazes e uma bandeira nacional. Lá, encontraram os integrantes do Levante do Bosque. Cada grupo gritava palavras de ordem, mas não houve confronto.

O objetivo do Chega de Baderna foi cumprido. A bandeira nacional foi hasteada no mastro onde uma bandeira vermelha havia sido hasteada na quarta-feira pelos ocupantes da reitoria. Depois, um integrante do Levante do Bosque subiu no mastro e hasteou uma bandeira do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e simpatizantes), ao lado da bandeira nacional.

Os grupos opostos duelaram com palavras, mostrando como deve ser a relação entre todos numa universidade. "Tivemos uma aula de democracia. Cada lado tem sua opinião, mas o mundo é feito de opiniões e visões diferentes, o que importa é o respeito ao diferente", afirmou o chefe de gabinete da reitoria, Carlos Vieira.



LISTA

Termo de compromisso tem 13 itens. Oito foram acatados integralmente

• Leia mais sobre a UFSC nas páginas 4 e 5.

Notícias do Dia Especial "Grupo cobra a reitora"

Grupo cobra a reitora / UFSC / Ocupação / Base policial / Roselane Neckel / Vice-Reitora / Lúcia Helena Martins Pacheco / Reitoria / Chega de Baderna / Drogas / Termo de compromisso / Levante do Bosque / Polícia Federal / Trabalho de inteligência / Polícia Militar / Memorando nº 022 2014 Prae / Iluminação / CFH / Ministério Público de Santa Catarina / Resolução 002 CUn 2009 / Festas / Ministério da Educação / Ministério da Justiça / HU / Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares / Segurança / Opressão / Deseg / Departamento de Segurança / Carlos Gomes / Florianópolis / Sistema de videomonitoramento / Leandro Luiz de Oliveira / PF / / Paulo Pinheiro Machado / Luiz Carlos Korff Rosa Filho / ADPF / Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal / Paulo César Barcellos Cassiano Júnior

Especial



Grupo cobra a reitora

UFSC. Alunos contrários à ocupação pedem a instalação de base policial no campus

A reitora Roselane Neckel e a vice-reitora Lúcia Helena Martins Pacheco receberam um grupo de estudantes contrários à ocupação da reitoria da UFSC, o Chega de Baderna. Eles questionaram a postura da reitora, que se manifestou contrária ao uso da força policial "desproporcional", como disse, dentro do campus. Roselane afirmou que é contra o consumo e o tráfico de drogas.

O mesmo termo de compromisso apresentado ao grupo Levante do Bosque foi firmado com o Chega de Baderna. Esses estudantes apresentaram seis itens, que devem ser apreciados pela reitora e uma resposta divulgada até 30 de maio. Entre os pedidos estão a instalação de uma base da polícia na UFSC, apuração das responsabilidades administrativas pela depredação do patrimônio público e que as polícias possam atuar na universidade junto com a segurança do campus.

Diante das críticas de que estaria sendo conivente com o uso de maconha no

bosque, Roselane lembrou que existem casos de consumo de ecstasy e LSD em outros centros, inclusive no CTC (Centro Tecnológico), que promoveu movimento contrário aos que chamaram de "maconeiros". A reitora voltou a afirmar que a polícia tem que informar sobre qualquer ação no campus e lembrou o que estava acordado com a polícia até os acontecimentos da última terça-feira. "Existia um acordo de que a Polícia Federal faria um trabalho de inteligência, mas sem colocar ninguém em risco. Logo após liguei para o delegado, e ele não quis me ouvir", afirmou.

Aos alunos, a reitora confidenciou que no ano passado foi procurada pela Polícia Militar e informada de que traficantes da Serrinha estavam se articulando para sequestrá-la. Mais vaiada do que aplaudida pelo movimento Chega de Baderna, a reitora disse ser defensora dos direitos humanos e condenou qualquer pré-julgamento dos alunos contra o outro grupo.

TERMO DE COMPROMISSO

Documento assinado pela reitora

Acordados integralmente

- Revogação imediata do memorando número 022/2014/Prae de 20 de fevereiro de 2014;
- Priorizar a execução dentro de seis meses do anteprojeto de iluminação atualmente em avaliação;
- Garantir que nenhum tipo de processo administrativo, ou criminal, seja encaminhado pela Administração Central da UFSC contra os estudantes envolvidos na repressão policial ocorrida no dia 25 de março de 2014 no bosque do CFH, bem como, nos dias em que esteve ocupado o prédio da reitoria;
- Tomar as medidas administrativas e legais para apurar as responsabilidades de todas as autoridades envolvidas na ação policial;
- Encaminhar aos ministérios da Educação e da Justiça, e à Secretaria dos Direitos Humanos relatório circunstanciado para que sejam apurados os excessos por parte da Polícia Militar e Polícia Federal;
- Revogação imediata do Item 2.5 do Edital 009/Prae/2014 do "auxílio creche";
- Garantir de ampla discussão com a comunidade universitária sobre a possibilidade de adesão do HU à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares;
- Realizar debates por meio da 1ª Semana de Desmilitarização da PM.

Acordados parcialmente

- Posicionamento da reitoria veementemente contra qualquer tipo de repressão policial violenta dentro do campus;
- Encaminhar ao Ministério Público de Santa Catarina uma resposta reafirmando a vigência da Resolução 002/2009, com o cronograma detalhado das ações a respeito da realização de festas no campus, destacando-se a reativação imediata da comissão de festas, com composição ampliada e a participação de representantes da comunidade do entorno da UFSC. Solicitar neste mesmo documento que seja revista pela Floram e pelo MP a determinação de não autorizar som na UFSC após as 22h, respeitando os limites de decibéis de acordo com a legislação em vigor;
- Elaborar edital para contratação de seguranças universitários, em conjunto com a comunidade universitária;
- Estabelecer um calendário para discussão com a comunidade, promovendo plebiscitos para discutir as questões de segurança na UFSC;
- Combate efetivo contra todas as formas de opressão, racismo, machismo, homofobia, transfobia e o traite violento.



FOTOS: EDUARDO COELHO/AGÊNCIA

Número oficial de crimes é baixo

Os números do Deseg dos últimos sete anos não chegam a impressionar, porém revelam 21 crimes praticados dentro da universidade. Furto, apreensão de drogas e arrombamento são os maiores. Em 2013, foram registrados 23 furtos de bolsas, carteiras e mochila, dez furtos contra o patrimônio, além de seis bicicletas e sete veículos furtados. O Deseg também registrou nove arrombamentos de carros e dois às instalações.

Em relação às drogas, a apreensão e o tráfico de maconha reduziram nos últimos sete anos dentro da universidade. Enquanto os guardas apreenderam 320 gramas em 2007, constataram apenas 40 gramas em 2013. Em sete anos, foram 1.440 gramas apreendidas, 330 gramas que caracterizam tráfico.

De acordo com o diretor do Deseg, Leandro Luiz de Oliveira, 80% dos assaltos ocorrem na área externa do campus e a mesma proporção de arrombamento de veículos durante as festas organizadas pelos universitários. Para o segurança Carlos Gomes, a explicação é simples. "Não fazemos segurança nas festas, que são ilegais, foram proibidas. É nesse momento que a maior parte das ocorrências acontece", diz.

Pela ordem. Grupo contrário à ocupação dos estudantes levou cartazes para a caminhada entre os dois prédios da reitoria

Segurança do Deseg pede o cercamento do campus

O confronto entre policiais e alunos desencadeou o debate sobre o papel e os desafios da segurança pública na UFSC. Tanto alunos quanto vigias defendem que a segurança não deve ser meramente patrimonial, porém a dúvida é inevitável: como humanizar o enfrentamento ao crime?

Segurança do Deseg (Departamento de Segurança) da UFSC há 20 anos, Carlos Gomes, que atuou nove anos nas Forças Armadas, sugere o cercamento da universidade e o investimento em um sistema moderno de videomonitoramento nas áreas abertas do campus. Para ele, as duas ações garantiriam mais e melhor segurança. "Se fecharmos o

campus, colocamos três portões de entrada com câmeras de vigilância para monitorar não só a entrada e a saída das pessoas, mas os espaços abertos na universidade, seria mais fácil atuarmos", alega.

A sugestão de Gomes é estudada desde o ano passado pelo Deseg, porém não teve avanços e ainda está no papel. A ideia de vigiar entrada e saída, além dos locais abertos do campus, segundo o segurança, faz parte da humanização defendida pelos alunos. "Qualquer pessoa tem acesso ao campus hoje, porém não são famílias que vêm aqui. Estas não vêm mais por medo de assaltos, violência, tráfico de drogas, roubos. Cercar não é isolar

a universidade ou impedir a entrada da comunidade. É ter controle para assegurar melhor a vida de quem circula no campus", argumenta.

São responsáveis pela segurança 24 horas na UFSC 49 agentes e 221 vigilantes terceirizados para quatro campi (exceto Blumenau), fortalezas e estruturas externas. O campus de Florianópolis é coberto por um sistema de videomonitoramento com 1.050 câmeras, além de 272 centrais de alarme que protegem 4.500 salas. Os equipamentos utilizados pelos profissionais são coletores a prova de balas, pistola taser (choque elétrico), três viaturas, duas caminhonetes e duas motos. O custo do setor é de R\$ 643 mil mensais.

Chega de Baderna. Estudantes chegam a reitoria em frente ao prédio 2 da reitoria

PF vai indiciar professora

A PF (Polícia Federal) vai indiciar a vice-diretora do CFH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas) da UFSC, Sônia Weidner Maluf, 53 anos, pelos crimes de resistência à prisão e danos. Na sexta-feira, a PF divulgou um vídeo no qual aparecem dois estudantes danificando a viatura da PF. Eles também serão indiciados por dano. Segundo a PF, os manifestantes tentaram impedir a polícia de conduzir um estudante preso com cigarro de maconha e destruíram duas viaturas. Sônia foi procurada pelo *Notícias do Dia* na UFSC e por telefone para comentar o assunto, mas não foi localizada.

No dia do confronto, no bosque do planetário, na última terça-feira, Sônia teria recebido ordem de prisão, mas não foi detida. Entregou apenas a CNH (Carteira Nacional de Habilitação). No dia seguinte, ela foi à sede da PF com o diretor do CFH, Paulo Pinheiro Machado, 53, buscar o documento.

A portaria do inquérito que investiga tráfico e consumo de drogas na UFSC foi aberta no ano passado, mas a polícia ainda não ouviu ninguém. "O garoto detido no campus deve ter sido orientando por advogado, porque disse que só fala em juízo", contou o delegado Luiz Carlos Korff Rosa Filho, diretor regional da ADPF (Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal). Em nome da ADPF - a direção geral da PF proibiu o departamento em Florianópolis de se manifestar sobre o assunto que ganhou dimensão nacional -, Luiz Carlos disse que o superintendente em exercício da PF em Santa Catarina, Paulo César Barcellos Cassiano Júnior, 35, que comandou a operação no campus, agiu na legalidade.

Luiz Carlos reuniu a imprensa na sexta-feira e exibiu o vídeo gravado pela PF, no qual aparece a professora como a primeira manifestante a subir no capô da viatura, onde o aluno flagrado com a maconha estava detido. Naquele momento, ela diz que "ninguém iria sair dali". O diretor da ADPF explicou que havia a necessidade de conduzir o estudante à sede da PF para verificar no banco de dados se o aluno responde a outro termo circunstanciado, previsto para delitos de pequeno porte. "Se o suspeito tiver registro de outras ocorrências nos últimos cinco anos, o termo é convertido em auto de prisão em flagrante", disse.

Confusão. Vídeo mostra professora (de camiseta vermelha) no capô da PF



DIVULGAÇÃO/POLÍCIA FEDERAL/AGÊNCIA

Delegado defende ação livre da polícia

Luiz Carlos Korff Rosa Filho ressaltou que o artigo 207 da Constituição diz que a autonomia da UFSC é meramente didática - científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. "A universidade não pode impedir a atuação da polícia, seja Federal, Militar ou Civil, na repressão a crimes cometidos no campus, tampouco o trabalho de policiamento ostensivo", afirmou.

O delegado informou que num primeiro momento eram apenas sete policiais e cães farejadores a procura de drogas no bosque do planetário. Mais tarde, quando diversos alunos se insurgiram, a PF acionou a Polícia Militar.

● AÇÕES DA PF

● Investigações no campus

- Descoberta de uma pequena plantação de maconha dentro do campus, com várias latas abrigando mudas de diversos estágios de desenvolvimento (auto de apreensão 419/2013)
- Descoberta de cerca de 200 gramas de maconha dentro de um escaninho da biblioteca (inquérito policial 221/2014)
- Diversas denúncias de que o local conhecido como bosque, situado próximo a uma creche, a um colégio e ao planetário, recebe grande quantidade de usuários de drogas. Traficantes da região instituíram um território livre para a venda e consumo de drogas (inquérito policial 426/2013)
- Apreensão de um laboratório de drogas sintéticas a partir de uma entrega de entorpecentes em um apartamento localizado nas imediações da UFSC. Envolvimento de universitários com conexões com o exterior (inquérito 426/2013)

Diário Catarinense Reportagem Especial

"Termina a ocupação da Reitoria da UFSC"

Termina a ocupação da Reitoria da UFSC / Bandeira do Brasil / Reitoria / Invasão / Reitoria / Roselane Neckel / Base da PM / Centro Tecnológico / CTC / Mariana Machado / Curso de Relações Internacionais / Carlos Becker Westphall / Departamento de Informática e Estatística / Brener Martins / Curso de Física / Movimento Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros / LGBTT / Luiz Carlos Korff / Polícia Federal / Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal / Vice-diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas / CFH / Sônia Weidner Maluf / Viaturas / Departamento de Segurança

4

DIÁRIO CATARINENSE, SÁBADO, 29 DE MARÇO DE 2014

Reportagem Especial

TERMINA A OCUPAÇÃO



TRÉGUA NO CAMPUS

Depois de um dia marcado por protestos contra e a favor da ação policial dentro do campus, alunos deixam o prédio



GABRIEL ROSA

A bandeira do Brasil no alto do mastro em frente à Reitoria da UFSC foi o símbolo do fim de uma ocupação que durava três dias. Ela foi hasteada por estudantes contrários à invasão e que pediam mais policiamento no campus. Assim que a bandeira nacional subiu, o grupo que havia invadido a sede administrativa da universidade e que reivindicava a proibição da ação policial na UFSC, deixava o prédio. Na quarta-feira, eles haviam hasteado uma bandeira vermelha no mesmo mastro. Por pouco o conflito ideológico não terminou em briga. Houve ofensas verbais de lado a lado.

Pouco antes de se dirigir à Reitoria, o grupo de aproximadamente 250 pessoas favoráveis à presença policial no campus havia entregue uma carta de reivin-

dicações à reitora Roselane Neckel. No texto, pedem a instalação de uma base da PM dentro da universidade e a punição dos responsáveis pelo tumulto da tarde de terça-feira.

O movimento formado principalmente por estudantes do Centro Tecnológico (CTC) empunhava bandeiras do Brasil e de Santa Catarina e fitas brancas nos pulsos. O Hino Nacional foi cantado várias vezes, e provocações como "Minha bandeira não é vermelha" também foram entoadas com frequência.

— É uma minoria. A gente está preocupada com a imagem da UFSC. Estamos aqui pelo direito da maioria — afirmou Mariana Machado, 18 anos, caloura do curso de Relações Internacionais.

Do outro lado, cerca de 200 universitários envolvidos na ocupação acusavam os colegas de "fascistas" enquanto davam os braços para formar uma bar-

ricada para impedir que os outros estudantes entrassem na Reitoria. Os gritos pediam uma universidade mais popular.

A ocupação terminou no fim da tarde de ontem, quando estudantes deixaram o hall da Reitoria levando, entre outros pertences, sofás, barracas, colchões e até um fogão. Depois de deixar o prédio, um grupo com cerca de 30 estudantes que não concordaram com o fim da ocupação acampou no segundo andar do Centro de Convivência.

Dificuldades para erguer a bandeira

Colocar a bandeira no Brasil no alto do mastro não foi fácil. Primeiro porque o professor Carlos Becker Westphall, do Departamento de Informática e Estatística, retirou a corda onde ficam presas

DA REITORIA DA UFSC



OTAWA/ONYX

Vídeo divulgado pela PF mostra momento em que professora senta no capô do carro

Estudantes retiram fofoço que estava no hall da administração

as bandeiras. Fez isso, segundo ele, para evitar que o ato de erguer a bandeira naquele momento pudesse ser interpretado como uma provocação por quem ocupou a Reitoria.

– Isso vai dar briga – justificou.

A bandeira só foi colocada uma hora depois, quando chegou um guindaste para erguer a pessoa que passou a corda pelas roldanas no alto do mastro. Assim que tudo estava funcionando, o estudante Brenner Martins, da Física, que havia tentado subir o mastro antes, colocou a bandeira do Brasil na corda e a levantou.

No mastro ao lado, os ocupantes da Reitoria ergueram uma bandeira colorida do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT).

gabriel.rosa@diario.com.br

REPRODUÇÃO



POLICIAIS FEDERAIS ACUSAM PROFESSORA DE INCITAR ALUNOS

No quebra-cabeças de vídeos que tentam elucidar a ação que resultou em confronto entre agentes de segurança e estudantes da UFSC, ontem foi a vez de a Polícia Federal divulgar imagens do conflito na tarde de terça-feira. De manhã, a Associação Nacional dos Delegados e o sindicato da categoria divulgaram imagens que mostram uma professora universitária como uma das principais figuras do conflito.

Na visão do delegado federal Luiz Carlos Korff Rosa Filho, a vice-reitora do Centro de Filosofia e Humanas (CFH), Sônia Maluf, que teve a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) apreendida, foi a principal responsável por incitar a multidão de alunos contra a ação policial e teria cometido um crime ao oferecer resistência à ação dos policiais na detenção de um estudante com posse de maconha.

– Ela cometeu inicialmente um crime de resistência. O vídeo mostra que os policiais tiveram extrema paciência, calma e nenhum deles ergueu o tom de voz ao pedir para desocuparem o capô do carro. Só que a intransigência dessa professora e dos demais manifestantes é evidente. E depois ela sobe, insiste e amassa a viatura, o que é dano ao patrimônio público – disse o delegado federal.

Na sequência dos fatos, mais alunos, servidores e professores foram chegando, o número de policiais aumentou, a tentativa de negociação fracassou e acabou no conflito de repercussão nacional com

bombas de gás lacrimogêneo, tiros de bala de borracha e estudantes quebrando duas viaturas – da PF e do Departamento de Segurança da UFSC.

Acusada como pivô da confusão, a professora Sônia Maluf se defendeu da afirmação do delegado e disse que sentou no carro por preocupação com a integridade do aluno.

De acordo com ela, a atitude dos policiais em retirar o aluno em um carro descaracterizado era suspeita, depois que os agentes demonstraram truculência na ação.

Docente diz que tentou acalmar os policiais

– Eu tentei acalmar os policiais. Tenho 53 anos e não tenho força para amassar uma viatura. A atitude dos policiais foi muito agressiva e os alunos ficaram indignados. Eu me senti agredida como pessoa. Dou aula na UFSC há 28 anos e nunca tinha visto isso acontecer. E tem mais: os agentes a todo momento diziam que tinham ordens para levar alguém do campus, em uma clara intenção política sobre o espetáculo – afirmou.

Segundo Sônia, nenhuma notificação da Polícia Federal havia chegado até as 21h22min de ontem.

SEGUE >



Ela cometeu um crime de resistência.

LUÍZ CARLOS KORFF
Delegado da Polícia Federal

A atitude dos policiais foi muito agressiva e os alunos ficaram indignados.

SÔNIA MALUF
Professora da UFSC

diario.com.br

Assista aos vídeos divulgados por estudantes e policiais sobre o confronto na UFSC

“Confronto poderia ter sido evitado, avaliam especialistas”

Confronto poderia ter sido evitado, avaliam especialistas / UFSC / Drogas / Força policial / Sandro Sell / Tadeu Lemos / Vice-presidente da Comissão de Segurança, Criminalidade e Violência Pública da OAB / Associação Catarinense de Psiquiatria / Beatriz Arruda / Polícia Federal

6

DIÁRIO CATARINENSE, SÁBADO, 29 DE MARÇO DE 2014

Reportagem Especial



Debate DC

CONFRONTO PODERIA TER SIDO EVITADO, AVALIAM ESPECIALISTAS

Médico, psicóloga e sociólogo avaliam o conflito na UFSC e as consequências dele



TRÉGUA NO CAMPUS

diario.com.br

Assista à íntegra do programa no qual os especialistas debatemos a UFSC

THIAGO SANTAELLA

Para compreender melhor os impactos e a abrangência que tomou o confronto entre policiais, estudantes, servidores e professores da UFSC, uma socióloga, um médico e um psicólogo participaram a convite do *Diário Catarinense* de uma discussão sobre o uso de drogas e o uso da força policial no episódio.

O primeiro entendimento deles foi o de que o confronto poderia ter sido evitado se as duas partes tivessem concordado com o diálogo.

– Há um problema relacionado às drogas na universidade, mas que não é exclusivo do campus. É social. O que a gente viu é essa dificuldade de diálogo entre policiais e a UFSC – disse o advogado e sociólogo Sandro Sell, vice-presidente da Comissão de Segurança, Criminalidade e Violência Pública da OAB.

A posição é parecida com a do coordenador científico da Associação Catarinense de Psiquiatria, Tadeu Lemos, especialista no tratamento de dependentes químicos.

– O foco do problema não ficou no uso da droga, mas no tipo de abordagem – disse

Durante o programa, transmitido ao vivo pelo *diario.com.br*, os convidados disseram que ainda não há como identificar se existe hoje uma tendência nacional para a repressão ou para a tolerância em relação ao uso de drogas.

Para a psicóloga Beatriz Arruda, talvez seja o momento de começar a ser discutida a descriminalização da maconha.

Dois temas foram destacados pelo sociólogo Sandro Sell na forma como o assunto foi discutido pelas duas instituições, a UFSC e a Polícia Federal: o reducionismo e a necessidade da ação.

– A universidade não pode ser reduzida a maconheiros, assim como a polícia não pode ser minimizada ao papel de invasor – disse o representante da OAB no debate.

Segundo ele, o debate sobre a presença da polícia dentro do campus é relativo.

– Se ação da PF fosse para prender um esturador, teria aplausos instantâneos da sociedade. Diferentemente desse consumo, que, pelo potencial danoso da ilegalidade rende no máximo uma advertência. Todo esse barulho por um crime em que ninguém fica preso – comentou Sell.



A sociedade está ficando mais tolerante. Não só em relação à droga, mas também em relação à sexualidade.

TADEU LEMOS,
Psiquiatra



Talvez seja o momento de se começar a discutir a descriminalização da maconha.

BEATRIZ ARRUDA
Psicóloga



A universidade não pode ser reduzida a maconheiros assim como a polícia não pode ser minimizada a um invasor.

SANDRO SELL
Advogado e sociólogo

A Notícia Geral

“Paz volta a reinar na UFSC”

Paz volta a reinar na UFSC / Bandeira do Brasil / Bandeira LGBTs / Reitoria / Centro Tecnológico / CTC / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / CFH / Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Simpatizantes / Sandro Sell / Tadeu Lemos / Beatriz Arruda

Paz volta a reinar na UFSC

Protestos de estudantes da Federal terminam com bandeiras do Brasil e LGBTs hasteadas na reitoria

“Liberdade é correr pelo céu / Sempre unidos, vamos triunfar / E se a nossa luta é pra valer / Vou mostrar meu valor”. Ora gritando estes versos, da música de abertura do desenho animado japonês Dragon Ball Z, ora cantando o Hino Nacional, cerca de 200 universitários protestaram em frente ao prédio da reitoria da UFSC por volta de 16h30 desta sexta-feira. A chegada do grupo com ban-

deiras do Brasil e de Santa Catarina, que reivindicava policiamento dentro do campus, coincidiu com o momento em que dezenas de alunos contrários à presença da polícia desarmavam as barracas, pondo fim à ocupação do edifício que durou três dias, regada a debate político, maconha, álcool e pichações na fachada do prédio.

Frente a frente, os grupos entoaram cada um o seu grito, expondo

as diferenças entre o Centro Tecnológico (CTC) e o Centro de Ciências Humanas e Sociais (CFH) da UFSC.

“Quem não pula é comunista”, cantavam os recém-chegados, saltitando. “A universidade vai ser popular”, reagia a oposição, enlaçada em uma corrente humana de semblantes cansados.

O momento alto do embate ideológico foi quando um estudante de física, agarrado à bandeira do

Brasil, tentou subir no mastro para recolocar o símbolo nacional de onde ele foi retirado na quarta-feira, substituído por um pano vermelho usado pelos ocupantes para marcar a tomada (temporária) da reitoria. Sem muita habilidade, o aluno escorregou, acompanhado por aplausos e vaias.

Foi preciso um equipamento enviado pela administração central da UFSC para elevar a bandeira.

Ela tremulou sozinha por alguns minutos, até que um ex-ocupante escalou o mastro ao lado e amarrrou uma bandeira com as cores do arco-íris, símbolo do movimento LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Simpatizantes).

O embate durou menos de 50 minutos. Os dois grupos desistiram de convencer opositores e, aos poucos, o entorno da reitoria foi esvaziando, por volta de 18 horas.

Especialistas analisam confronto

Para compreender melhor os impactos e a abrangência que tomou o confronto entre a polícia e estudantes, servidores e professores da UFSC, um advogado, uma psicóloga e um médico discutiram as várias áreas implicadas no uso das drogas e sua repressão pelas forças policiais.

O primeiro entendimento foi o de que o confronto poderia ter sido evitado se as duas partes tivessem concordado com o diálogo.

Há um problema relacionado às drogas na universidade, mas que não é só do campus. É social. O que a gente viu é essa dificuldade de diá-

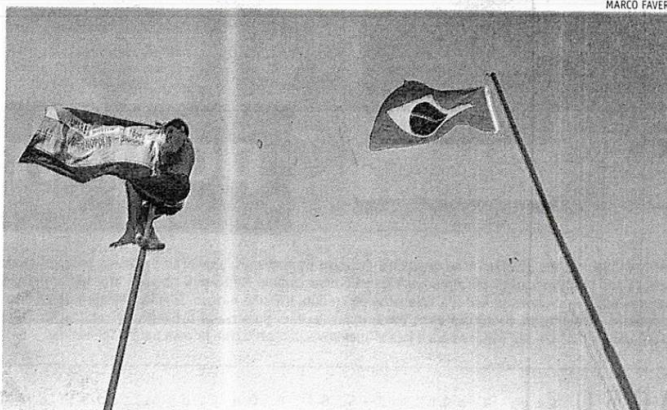
logo entre policiais e a UFSC – disse o advogado e sociólogo Sandro Sell.

A posição é parecida com a do coordenador científico da Associação Catarinense de Psiquiatria, Tadeu Lemos, especialista no tratamento de dependentes químicos.

– O foco do problema não ficou no uso da droga, mas no tipo de abordagem – disse Lemos.

– Talvez seja o momento de discutir a descriminalização da maconha – acrescentou a psicóloga Beatriz Arruda, diferenciando isso da legalização, de a venda e o consumo serem liberados de forma recreativa.

SÍMBOLOS
Bandeiras foram hasteadas na sexta-feira por estudantes



UFSC: a desocupação e os inquéritos / Reitoria / Roselane Neckel / Bandeira do Brasil /
Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal / Luiz Carlos Korff Rosa Filho /
Associação Catarinense de Imprensa / Nota de Repúdio

14

DIÁRIO CATARINENSE, SÁBADO, 29 DE MARÇO DE 2014



Moacir
PEREIRA

(48) 3216-3550

moacir.pereira@gruporbs.com.br

diario.com.br

Acesse o blog do Moacir em
www.diario.com.br/moacir

UFSC: a desocupação e os inquéritos

A desocupação da Reitoria pelos estudantes da UFSC e pelos integrantes da invasão da SC-401 aconteceu durante ato pacífico, prevalecendo o bom senso entre dois grupos de universitários. Centenas de acadêmicos que defendem a presença da Polícia na universidade fizeram passeata por vias do campus. Tiveram uma conversa com a reitora Roselane Neckel, que prometeu até fins de abril apresentar uma proposta para melhoria da segurança.

Em seguida, rumaram para o coração do campus, cantando o Hino Nacional, com as

bandeiras do Brasil e de Santa Catarina. O encontro dos dois grupos foi tranquilo. Os que invadiram a Reitoria e exibiram a bandeira vermelha já haviam retirado o símbolo do MST. Mas cortaram o cabo que permitiria um novo hasteamento. Veio o Corpo de Bombeiros e colocou a bandeira do Brasil no mastro oficial. Tudo pacífico, sem incidente.

O dia começara com a distribuição de nota da Associação Nacional e do Sindicato dos Delegados de Polícia Federal defendendo a operação. Os dirigentes exigiram vídeos, mostrando que os policiais federais foram

pacientes no flagrante de prisão e nas negociações. Anunciaram vários inquéritos sobre consumo e tráfico de drogas no campus da UFSC. Da primeira intervenção policial até o conflito foram decorridas mais de três horas.

O diretor da Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal, Luiz Carlos Korff Rosa Filho, afirmou que “a UFSC não é território livre da criminalidade”, que não precisa de autorização para combater o crime e que a operação foi legítima e legal. Vários inquéritos estão sendo abertos contra os que destruíram veículos e impediram a ação policial.

Repúdio

A Associação Catarinense de Imprensa emitiu nota de repúdio contra a decisão dos estudantes que invadiram a Reitoria da UFSC de proibirem o trabalho dos jornalistas. Enfatiza que a atitude

autoritária **fere a Constituição** e impede a população de ser informada do que se passa no campus da universidade.

Contexto

Marisa Naspolini

marisanaspolini@floripa.com.br



Hipocrisia não

No dia 31 de março comemoram-se no país os 50 anos do golpe militar e o início de um período ditatorial obscuro que contaminou irreversivelmente a vida e a cultura nacional. Uso a palavra comemoração porque, apesar de não haver absolutamente nenhum motivo para celebrar a data, é fundamental lembrá-la e alardeá-la se quisermos evitar qualquer tentativa de convencimento de que aqueles foram bons tempos, seja na política ou na economia. Não falta gente que, ao reclamar dos descabros nacionais, do mensalão à violência urbana, passando pelos escândalos da Copa, ousa sugerir que éramos mais felizes durante a ditadura militar.

Nasci depois de 1964. Tenho vagas lembranças de ter ouvido, na minha infância, falar de uma tal revolução, que somente anos mais tarde, nos bancos universitários, fui compreender ter se tratado de um golpe tramado em gabinete – e não uma revolução social, como se tentava vender aos desavisados. Conheci

peças que foram presas ou tiveram parentes desaparecidos. Mas vivi em primeira pessoa a censura aplicada à produção artística e cultural. O que hoje parece tão distante e mesmo risível, por sua total inapropriação, foi uma realidade dura e cruel. E não foi exclusividade da produção experimental paulistana e carioca.

No final dos anos 1970, as paredes e muros das superquadras de Brasília foram tomados por pichações de "anistia já". Para o meu grupo de teatro, formado por adolescentes do ensino médio de uma escola religiosa, a palavra gerava tanta curiosidade quanto confusão. Ninguém conseguia uma definição esclarecedora e coerente do que seria a anistia e a quem serviria. As explicações eram difusas e recheadas de palavras não ditas. Vale ressaltar que entre os integrantes do grupo havia desde filhos de profissionais liberais até filhos de ministros do governo Figueiredo.

O fato é que montamos um espetáculo que tratava de nossas vivências como adolescentes



REPRODUÇÃO

na Capital Federal. Era uma criação coletiva, gerada a partir de improvisações de fatos cotidianos daquela geração, que iam de conflitos familiares a relações amorosas, passando, obviamente, por sexo e rock'n'roll. Para nossa surpresa, o uso de algumas expressões consideradas "inadequadas" (entre elas a letra de uma música de Pepeu Gomes que falava em "baseado") gerou uma censura ao espetáculo, que foi submetido ao crivo de censores e estreou sob ameaça da Polícia Federal. Pura hipocrisia.

O episódio me veio à mente com os fatos recentes ocorridos na UFSC envolvendo estudantes e Polícia Federal. Fico sempre perplexa quando situações controversas dão espaço para julgamento moral, dividindo o mundo entre bons e maus, certos e errados, dando margem a afirmações absolutistas e simplistas e que desmerecem o lugar da universidade como espaço de construção de pensamento crítico e plural. A data merece uma discussão mais profunda e inteligente.

Notícias do Dia

Paulo Alceu

“Manifestação / Imagem atingida / Reação”

Manifestação / Imagem atingida / Reação / Joares Ponticelli / UFSC / Crise moral / Bandeira do Brasil / Drogas / Universidade Federal de Santa Catarina / Reitoria / Levante do Bosque



FLORI

A VIDA SEGUE *com Paulo Alceu*

Manifestação

Para o presidente interino da Assembleia Legislativa, Joares Ponticelli, os episódios envolvendo a UFSC caracterizam uma crise moral inaceitável. Condenou de forma veemente a retirada da bandeira do Brasil, substituída por uma bandeira vermelha. O parlamentar do PP defendeu a ação da polícia no combate ao uso e tráfico de drogas na instituição. “Não concordo com quem defende que lá não pode ter polícia. Que imunidade é essa? E a grande maioria de estudantes que está na universidade que não usa drogas e quer ficar longe, não tem que ser protegida?”, questionou.

Imagem atingida

Essa semana foi marcante devido aos episódios que agitaram o campus da Universidade Federal de Santa Catarina. Uma semana que nos coloca numa exigência de reflexão diante de absurdos e desmandos legalizados por uma reitoria no descompasso do bom senso. No momento em que permite o vandalismo de substituir a bandeira do país por uma vermelha e defende a livre circulação de drogas, estabelecendo até um local para uso – o bosque –, fico imaginando a apreensão de pais, nos quais muitos praticam sacrifícios para proporcionar ensino digno aos filhos, vendo uma minoria descabelada determinando regras às avessas de uma liberdade que eles transformaram em libertinagem. O contraditório é importante para que se busque o equilíbrio das ideias, propostas e avanços. Mas o que foi apresentado em cenas grotescas e condenáveis está longe de ter conteúdo para enriquecer um debate e até convencer, pois sustentou apenas a ilegalidade. A reação de estudantes, contrários às atitudes descomprometidas com a história da universidade e com sua função de geradora de conhecimento, deu um alento depois de três dias de domínio questionável de quem encorajava baderneiros travestidos de estudantes. Foi revelado que a UFSC não estava nas mãos apenas de simpatizantes da maconha e da afronta a autoridade. A bandeira do Brasil voltou ao seu lugar, por imposição desses acadêmicos, e ficou estabelecido que existe uma maioria defendendo a nossa universidade como instituição de reflexão, invenção e descobertas. Há muitas vitórias a perseguir embaladas pelo ensino de excelência e não por defesas do ilegal. É o momento de construir e preservar a verdadeira imagem da UFSC, porque o que aconteceu esta semana está longe de sua história de conquistas.

Reação

Nas redes sociais, a brincadeira era que os “estudantes” da UFSC, que hastearam uma bandeira vermelha na reitoria, eram torcedores do Internacional, foi imediatamente rebatida pelos gremistas. “Claro, droga atrai droga”. Domingo tem GreNal. Saindo dos chistes futebolísticos, o ato de retirar a bandeira do Brasil para hastear uma bandeira vermelha no lugar mostra o desrespeito e a irresponsabilidade desses indivíduos que certamente envergonham quem realmente é universitário.

Notícias do Dia
E-mails e Cartas / Charge

“Reitoria da UFSC é enfim desocupada”

Reitoria da UFSC é enfim desocupada / Universidade Federal de Santa Catarina / Brasil /
Polícia Federal / Polícia Militar / Cleo Reis Quaresma



CHARGE

MENDES

www.artesmendes.wordpress.com

REITORIA DA UFSC É ENFIM DESOCUPADA



E-MAILS E CARTAS

Universidade Federal

Muito me entristecem estes fatos ocorridos na nossa universidade, com grande repercussão no resto do Brasil, devido ao fato de que a administração da magnífica reitora se assemelha ao caos venezuelano e demais países bolivarianos. Parabéns à Polícia Federal e à Polícia Militar.

Cleo Reis Quaresma

Diário Catarinense
Sérgio da Costa Ramos
"Antes e depois"

Antes e depois / Imprensa / Estudantes / Passeata dos Cem Mil / Restaurante do Calabouço / Édson Luiz do Souto Lima / Batalha do Calçadão / UFSC

Antes e depois

A imprensa era bem-vinda e fez história junto com os estudantes na Passeata dos Cem Mil em 1968, quando foi assassinado no Restaurante do Calabouço o estudante Édson Luiz do Souto Lima. E foi a imprensa que documentou a ação estudantil na denominada Batalha do Calçadão, na Felipe Schmidt, Floripa, 1979, um marco para a redemocratização do país.

Neste equivocado ato de expulsão da imprensa da cobertura dos fatos ocorridos no campus da UFSC, resta agredida a liberdade de expressão tão penosamente conquistada nos anos de chumbo.

A imprensa não mudou: quer cobrir os fatos. Mudaram os estudantes?

Diário Catarinense

Juliana Wosgrauss

"Assim não!"

Assim não! / Bandeira do Brasil / Reitoria / UFSC / Confronto / Estudantes / Ocupação

Assim não!

Alguns radicais sempre acabam atrapalhando qualquer consenso. Essa de tirar a bandeira do Brasil do mastro em frente à reitoria da UFSC e invadir o prédio da mesma foi um ato de quem não respeita nada. Começa-se a abrir precedente para quem quer ver o circo pegar fogo, isso sim.

MAIS LIDAS DO DC ONTEM

jornal impresso

diario.com.br

Confrontos no
campus da UFSC

60%

1 - Delegado da PF em SC é
coleccionador de polêmicas

Números mostram
boa temporada

20%

2 - Estudantes protestam
contra a ocupação na UFSC

Continente:
oportunidades

20%

3 - Delegados da PF acusam
professora de começar tumulto

Até as 19h de ontem

Diário Catarinense

Diário do Leitor

"Tensão no Campus"

Tensão no Campus / Reitoria / UFSC / Ditadura / Imprensa / Aires Bruno Ramos / Entorpecente / Polícia Federal / Maconha / Marcelo Henning / PF / Pedro Vaz / Drogas / CFH / Andreza dos Santos / Reitora / Bandeira nacional



TENSÃO NO CAMPUS

Na edição de ontem do *DC*, no Visor, aparece uma bela foto onde se vê uma placa de "Ditadura não" exposta na porta da Reitoria da UFSC. Mas o que é "ditadura" para os invasores? Proibir o acesso da imprensa nas assembleias não é ditadura? Imagino que seria importante para esses alunos um retorno aos livros de história, onde aprendemos que um dos princípios básicos de uma ditadura é a restrição ao trabalho da imprensa. Uma imprensa livre é um dos pilares da democracia.

Aires Bruno Ramos, industrialista
Timbó

Não sou a favor do uso deliberado de qualquer entorpecente dentro do campus da UFSC, mas envolver uma operação da Polícia Federal por causa do uso de maconha e tráfico entre alunos? Enquanto isso, a elite dos bandidos deste país ri em alto e bom som.

Marcelo Henning
Florianópolis, via site do *DC*

O superintendente da PF em SC quis aparecer além da conta. Poderia ter feito um trabalho de inteligência para pegar o traficante. Foi ingênuo e depois intransigente.

Pedro Vaz
Florianópolis, via Facebook

Quando estudava na UFSC era visível que muitas pessoas usavam drogas atrás do CFH. Vejo agora que a situação só piorou. Se tirar a polícia do campus, a criminalidade com certeza vai tomar conta do local.

Andreza dos Santos, bibliotecária
Laguna

Ao posicionar-se contra a entrada da polícia, a reitora da UFSC permitiu que se chegasse ao ponto de retirar a bandeira nacional do mastro principal e colocar um pano vermelho no lugar. Isto é muito grave.

Irineu Roque Sberse, militar da reserva
Xanxerê

Notícias do Dia Ricardinho Machado

"Campus"

Campus / Polícia Federal / Reitora / UFSC / Reitoria / PF

Campus

Sempre soube que com a Polícia Federal, nossa "efebeai", não se brinca, nem se briga. Reitora da UFSC comprou... vai ter de pagar. Primeira rave dentro do campus, roubo, estupro ou assassinato, responsabilidade vai cair na reitoria. Aí pode ligar pra PF que o telefone estará ocupado.

Diário Catarinense
Marcos Espíndola

Golpe militar / Brasil / Laboratório de Ensino de História / Colégio de Aplicação / UFSC / LEHCA

*** Os 50 anos do golpe militar no Brasil vão concentrar as atenções no Laboratório de Ensino de História do Colégio de Aplicação da UFSC (LEHCA), que dedicará uma intensa programação de atividades na segunda e terça-feira, com entrada livre para toda a comunidade e principalmente para alunos do ensino médio.**

Notícias do Dia
Luiza Gutierrez
"Balanço"

Balanço / Desordem / Greve / Caos / Universidade Federal de Santa Catarina / Educação

Balanço

Este ano já está com um calendário produtivo bem curto e, somando-se a esse fator, o saldo foi de uma semana tumultuada. O clima é de desordem na Ilha, com a greves e o caos estabelecido na Universidade Federal de Santa Catarina. Os pais que têm investido na educação e na defesa dos valores lamentam pelos seus filhos. Temos uma geração de jovens cada dia mais carentes de informação! Com a palavra as autoridades responsáveis!

Diário Catarinense

Serviço

“Mediação científica”

Mediação científica / Curso / Introdução à Mediação Científica / Projeto Astronomia e a Física vão à Escola e à Comunidade / Universidade Federal de Santa Catarina / Florianópolis / Planetário / UFSC

Mediação científica

O Curso de Introdução à Mediação Científica é a primeira ação pública do projeto *Astronomia e a Física vão à Escola e à Comunidade*, da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, a ser realizado nos dias 1º, 3 e 4 de abril, das 14h às 17h, no Planetário. O curso é aberto aos estudantes de todos os cursos da UFSC. Inscrições gratuitas. Telefone: (48) 3721-9601.

Notícias do Dia

Roberto Azevedo

Movimentos sociais / UFSC / Ditadura militar

• Caíram muito bem para os ideólogos por trás da massa de manobra estudantil e dos movimentos sociais os lamentáveis acontecimentos na UFSC, todos ocorridos às vésperas da marca dos 50 anos da ditadura militar.

A Notícia
Portal
"Ajuda no Campus"

Ajuda no Campus / UFSC / Joinville / Técnicos / Acij / Conclusão do campus / BR-101



Notícias do Dia
Hélio Costa
"Insegurança na UFSC"

Insegurança na UFSC / Estudante / Curso de Administração / Universidade Federal de Santa Catarina / Tentativa de assalto



“Como funciona o esquema do tráfico ao redor da UFSC”

Como funciona o esquema do tráfico ao redor da UFSC / Segurança / Drogas /
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Florianópolis / Polícia Federal / Tráfico /
Polícia Militar / Pantanal / Carvoeira / Serrinha / Boca do Cesinha / Paulo Cesar Alves

COMO FUNCIONA O ESQUEMA DO TRÁFICO AO REDOR DA UFSC



SEGURANÇA NO CAMPUS

Comércio de
drogas nos
arredores da
universidade
sustenta há
décadas um
mercado ilícito

DIOGO VARGAS*

A marca de 41 apreensões e de 72 pessoas presas em um mesmo ponto de venda nos últimos três anos revela o turbilhão que é o tráfico de drogas na região da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis.

Exposto de forma radical nos últimos dias com a ação da Polícia Federal que acabou em confronto entre policiais e estudantes, o comércio de entorpecentes no local de ensino e nas áreas próximas soa como um dos principais problemas de Florianópolis, conforme avaliam autoridades ouvidas pelo *Diário Catarinense*. O tráfico alimenta uma rede de outros crimes. Faz vítimas de todas as classes e desafia policiais.

O exemplo clássico na região está na boca do Cesinha. A proeza de ser estourada tantas vezes e ressurgir mesmo nas proximidades de um pelotão tático da Polícia Militar, na Avenida Antônio Edu Vieira, no Pantanal, faz dela, segundo a polícia, um símbolo da lucratividade do mercado ilícito de maconha e cocaína.

Os dados revelados pelo 4º Batalhão da Polícia Militar em Florianópolis confirmam a lógica de que se há tanto comércio incessante é porque há usuários. Nos últimos três anos, ali foram apreendidos 5,5 mil pedras de crack, 526 papalotes de cocaína e sete quilos de maconha. Policiais dizem ser esse o grande motivo da imposição do lugar, alimentador do tráfico na UFSC, ao longo de décadas e gerações.

Segundo a PM, a venda de maconha e cocaína é sustentada por um público de classe média, notadamente formada por estudantes da região. Mas ainda há o fornecimento aos usuários de crack formado pela classe baixa, a maioria moradores de morros do local.

A outra razão de o ponto continuar efervescente é a dificuldade que a Justiça encontra de manter na cadeia os fornecedores e distribuidores de entorpecentes. Policiais dizem ser habitual adultos ficarem presos pouco tempo por tráfico de drogas e que adolescentes também passa-

ram a figurar como protagonistas do mercado ilícito.

Em 2012, uma brincadeira no Facebook apontou que o pior fato ocorrido na universidade por quase um semestre havia sido o fechamento da boca do Cesinha. Há outros lugares de tráfico nos morros arredores, como na Carvoeira e Serrinha.

Via de regra, a encomenda de uma quantia um pouco maior do entorpecente é feita por telefone ao traficante. Depois, o interessado busca pessoalmente no morro e em seguida revende a outros interessados.

A polícia diz que as transações são na maioria das vezes nas proximidades de bares. No episódio de terça-feira, a polémica se deu em investigações da Polícia Federal, que estaria na busca por traficantes dentro do campus.

Boca famosa hoje é de adolescente

Em 2012, ao sufocar o ponto do traficante Cesinha, a Polícia Militar constatou a migração dos criminosos da área para os roubos.

Houve casos de assaltos com reféns, aqueles com intensa violência, arma no rosto das vítimas, ameaças, agressões. Carros levados em bairros nobres, como Jardim Anchieta e Santa Mônica, foram localizados no Pantanal. Hoje, a polícia diz que o líder desses crimes violentos seria um adolescente de 16 anos.

— O que tem de mais perverso é que as pessoas não pensam no que há por trás daquele ato aparentemente inofensivo de fumar (maconha). A pessoa deixa de comprar um tênis importado para não incentivar o trabalho infantil na China, mas não pensa no que está aqui do lado. O tráfico se fez em cima do trabalho de menores de idade — diz o tenente-coronel da PM Araújo Gomes.

diogo.vargas@diarios.com.br

* Colaborou Thiago Santaella

O PRECURSOR, A HERDEIRA E A BRIGA PELO PONTO



Paulo Cesar Alves, o Cesinha, é um antigo patrão do tráfico do Pantanal morto a tiros em uma partida de futebol, em 2009. A filha dele, Suelen, teria assumido o controle das bocas, mas assassinada a tiros dentro do carro na noite de 1º de dezembro de 2011, na Avenida Beira-Mar Norte. Desde então, houve pelo menos 41 batidas policiais onde os dois atuavam.



“Reitora foi alertada para reforçar segurança”

Reitora foi alertada para reforçar segurança / Secretário Municipal de Segurança de Florianópolis / Delegado da Polícia Federal / Tráfico de drogas / Universidade Federal de Santa Catarina / Criminalidade / Entorno da UFSC / Furtos / Estupro / Violência / Depredação do patrimônio / Festas / Levante do Bosque / Boca do Cesinha / Pantanal / Favela do Siri / Roselane Neckel / Polícia Militar / Carlos Alberto Araújo Gomes / Serrinha / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / CFH / Departamento de Segurança / Deseg / Movimento Chega de Baderna / Ocupação

ENTREVISTA

Raffael de Bona Dutra
Secretário de Segurança de Florianópolis

“Derruba-se um chefe e no dia seguinte tem outro”

O secretário municipal de Segurança de Florianópolis, Raffael de Bona Dutra, que também é delegado da Polícia Federal, diz que o tráfico de drogas na Universidade Federal de Santa Catarina e nos bairros próximos faz da região uma das mais complicadas de Florianópolis. Na sexta-feira de manhã, ele conversou com o DC sobre os problemas da criminalidade na região.



Diário Catarinense – Que informações sobre o crime há no entorno da UFSC?

Raffael de Bona – Tínhamos até um tempo atrás um problema grande de furtos de veículos, de bicicletas e de bolsas. Há casos de estupro, violência, depredação do patrimônio, normalmente em festas. Sem contar no consumo de drogas dentro da UFSC.

DC – Como o senhor avalia o tráfico na região?

Bona – É fortíssimo. Porque você tem um mercado consumidor muito grande dentro da própria universidade. O que a Polícia Federal fazia lá no campus era exatamente isso, um levantamento de quem eram os fornecedores de drogas, quem leva entorpecentes para dentro da UFSC.

DC – Há informações de consumo de outras drogas além da maconha?

Bona – Ali existe consumo de crack também. Não por parte dos alunos, mas temos muitos usuários no entorno por ser uma área sem nenhum tipo de controle. Temos ali durante as festas o consumo de cocaína, drogas pesadas, o que é sabido de todos.

DC – E a boca do Cesinha?

Bona – Aquela região da Serrinha, do Pantanal, dos arredores da universidade é uma das mais complicadas hoje em Florianópolis, junto com a favela do Siri (Norte da Ilha). O tráfico lá é recorrente e intenso. Derruba-se o chefe local num dia e no dia seguinte vem outro novo para continuar o negócio.

Reitora Roselane (D) em momento que desabafa a estudantes sobre a própria segurança



REITORA FOI ALERTADA
PARA REFORÇAR SEGURANÇA

SÂMIA FRANTZ

Em meados do ano passado, um alerta feito pelo comandante do 4º Batalhão de Polícia Militar (BPM), tenente coronel Carlos Alberto Araújo Gomes, mudou a rotina da reitora Roselane Neckel. Durante uma das tantas reuniões informais sobre a segurança no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o policiamento comunitário, ele ressaltou que era importante ela ampliar os cuidados – principalmente com o Morro da Serrinha, onde os chefes do tráfico estavam próximos do campus e teriam ficado insatisfeitos com a vitória dela nas urnas, um ano e meio antes.

Após oito anos à frente do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) e um trabalho intenso contra as drogas ao longo deste período, Roselane percebeu que estava exposta demais, alertou seu motorista para ficar mais atento e pediu ajuda aos vigilantes do Departamento de Segurança (Deseg) do campus para que mantivesse o controle da movimentação no entorno de sua casa: estava com medo. Nada aconteceu na época, nem novas ameaças surgiram. Mesmo assim, ela continua em alerta.

A revelação veio à tona esta semana, com a confusão entre policiais federais e militares e alunos da universidade na última terça-feira. Em pelo menos dois momentos, ela desabafou com alunos. Continuava preocupada e se mostrava irritada com a acusação de que não faz enfrentamento à violência no campus.

– Vocês realmente acham que alguém que sofre riscos de ser sequestrada é conveniente com a violência e o tráfico de drogas? – questionou aos gritos na tarde de sexta-feira a alunos integrantes do movimento Chega de Baderna, contrário à ocupação da Reitora.



ROSELANE NECKEL
Reitora da UFSC

Vocês realmente acham que alguém que sofre riscos de ser sequestrada é conveniente com a violência e o tráfico de drogas?

sâmia.frantz@diario.com.br

CRIMES E PRISÕES DESDE 2011

41
apreensões

ocorreram no ponto de drogas do Cesinha entre setembro de 2011 e março de 2014

72
pessoas

foram presas (37 homens, 10 mulheres e 25 adolescentes). A última prisão no Pantanal aconteceu no dia 21 de fevereiro, quando três estudantes de engenharia compravam 600 gramas de maconha.

DROGAS APREENDIDAS

Crack..... 5.580 pedras
Cocaína..... 526 papéletes
Maconha..... 7 quilos

Fonte: 4º Batalhão de PM.

Criminalidade vai além do tráfico / Drogas / Polícia Civil / Centro Socioeconômico / Jonathan Guimarães da Costa / Otávio César Lima / Entorno do campus / Furtos / Roubos / Departamento de Segurança / Deseg / Serrinha / Trindade / Cláudio Monteiro / UFSC / Reitora / Roselane Neckel / Movimento Levante do Bosque / Iluminação / Estudante / Curso de Administração / Policiamento / Polícia Militar / Polícia Federal

CRIMINALIDADE VAI ALÉM DO TRÁFICO



SEGURANÇA NO CAMPUS

Furtos, roubos e até golpe do bilhete premiado são comuns no entorno da universidade

CRISTIAN WEISS

Não é somente o tráfico de drogas que impacta a vida dentro do-campus da UFSC. Em menos de 48 horas, de quarta a quinta-feira da última semana, a Polícia Civil registrou três boletins de ocorrência: uma tentativa e dois roubos de veículos consumados dentro do campus. No último caso, registrado por volta das 21h50min de quinta, no estacionamento do Centro Socioeconômico, uma dupla armada atingiu com uma coronhada a testa do estudante Jonathan Guimarães da Costa, 22 anos. Era o horário de saída da aula. Os assaltantes tentaram levar a moto, mas não conseguiram ligá-la. Com a falta de sucesso, levaram a motocicleta de outro estudante estacionada no local.

Titular da 5ª Delegacia de Polícia Civil, na Trindade, Otávio César Lima garante que quase diariamente há registro de ocorrências no entorno do campus. A maioria envolve furtos e roubos. Na quarta, um aluno registrou queixa por ter óculos e um par de tênis furtados dentro do vestiário. Conforme o Departamento de Segurança (Deseg) da universidade, no ano passado foram 33 furtos ao patrimônio ou a pessoas, 17 ocorrências envolvendo furto ou arrombamento a veículos e 11 casos de roubo. Mas estes são os números apenas da segurança interna da universidade.

— Existe uma modalidade muito grande de crimes de maior e menor potencial ofensivo. Roubo no entorno, furtos em veículos e de veículos. Os crimes ali sempre ocorreram. Como também não posso fazer alusão de

que o campus é um campo de guerra, se considerar a cidade toda — defende o delegado.

Até o golpe do bilhete premiado, enquadrado como estelionato, tem sido registrado. No ano passado foram 21 casos, oito só em dezembro. Neste ano foram três. Alguns envolvem acadêmicos, normalmente acima de 50 anos.

Para delegado também há tráfico de dentro para dentro

A autoria dos furtos desta semana está sendo apurada para que seja aberto inquérito. Mas segundo o delegado, não se descarta a relação ao consumo de entorpecentes, por ser comum furtos próximo às bocas. Na região do campus, são frequentes as operações na Serrinha, indicada como uma das bocas que abastecem a Trindade. Delegado da Divisão de Entorpecentes da Deic, Cláudio Monteiro afirma que hoje o comércio de drogas na UFSC é de dentro para dentro — alunos compram e revendem no campus.

Reivindicações por segurança dentro da universidade são antigas. Até cercar de portões se cogitou no ano passado. Apesar de pedirem à reitora, Roselane Neckel, que se comprometa em não permitir mais a entrada da polícia no campus, os integrantes do Movimento Levante do Bosque, que desde terça ocuparam o prédio da reitoria, reivindicam um plano de iluminação em todo a universidade e a contratação de mais seguranças.

cristian.weiss@diario.com.br

ENTREVISTA Jonathan Guimarães da Costa Estudante de Administração

“Eu poderia ter levado um tiro”

O técnico em laboratório Jonathan Guimarães da Costa tem 22 anos e está no primeiro semestre do curso de Administração da UFSC. Na segunda semana como aluno no campus, foi surpreendido por dois homens armados que tentaram levar sua moto na saída da aula, na noite de quinta-feira, no estacionamento do Centro Socioeconômico. A dupla atingiu com uma coronhada a testa do estudante, que teve um corte no supercílio. O local é mal iluminado e facilita a ação de ladrões. Como os assaltantes não conseguiram ligar a moto de Jonathan, roubaram a de outro aluno que vinha logo atrás. Com medo, ele faltou à aula na sexta.

Diário Catarinense — Como foi o assalto?

Jonathan Guimarães da Costa — Fui direto para a moto. A hora que eu estava chegando passei por dois gurus e percebi que havia algo errado. Fui direto tirar o cadeado. Eles chegaram dizendo “dá a chave”. No começo, resisti porque não mostraram a arma. Mas depois mostraram e bateram na minha cabeça. Dei chave. Só que tenho costume de fazer um esquema que a moto não funciona. Entreguei a chave e sai. Tentaram ligar a moto e não conseguiram. Foi a hora que roubaram de outro rapaz que estava lá também, que não percebeu a movi-

mentação porque estava conversando com um colega.

DC — Você fugiu do local?

Jonathan — Apontaram a arma para mim e me mandaram embora. Eu me escondi num lugar onde eu conseguia ver. Eles falavam que estavam com uma Biz. A hora que eu vi essa moto saindo e outra logo atrás percebi que a minha eles não tinham levado.

DC — Você se feriu?

Jonathan — Deu um corte no supercílio, até sangrou um pouco. É minha segunda semana de aula. Até hoje (sexta) não vou para a aula, porque não sei como vai estar lá. A gente fica com medo. Tu não sabes se vai para lá e vai conseguir voltar. Poderia ter levado um tiro.

DC — Falta segurança no estacionamento?

Jonathan — Onde tem o estacionamento, do lado tem uma árvore com uma mesinha embaixo. Fica bem escuro. Quase não tem iluminação ali perto.

DC — O que você acha que precisa para ter mais segurança no campus?

Jonathan — Deveriam melhorar aquela iluminação. É muito escuro. Deveria ter um policiamento armado, a PM ou a Polícia Federal, porque só a segurança do campus não vai adiantar, porque não podem portar arma. Todo mundo fica indefeso.

Todos erraram / Confronto / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Reitoria / Drogas / Segurança / PF / Polícia Federal / Gustavo Ciriaco Silva / Dudu Schneiderk / Renan Machado Toniello / Álvaro Dias / Marcelo Gazzoni / Izabel Cristina Silva / João Rudini Sturm / Márcia Lima / Jossie Sakura / André Cardoso

Opinião da RBS



TODOS ERRARAM

A intransigência de todos os lados gerou o triste confronto de terça-feira na UFSC

O lamentável confronto ocorrido terça-feira na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que levou nosso Estado e a instituição de forma negativa ao noticiário nacional, poderia ter sido evitado se o bom senso e o diálogo tivessem imperado. A intransigência de todos os lados levou ao triste cenário de praça de guerra, com agressões, bombas de gás, depreação de veículos públicos e ocupação irresponsável da Reitoria.

Os fatos que se desenrolaram depois do confronto físico, nos dias seguintes, foram ainda mais lamentáveis, pois envolveram servidores públicos de alto escalão pagos justamente para ter o bom senso na mesa de cabeceira. Chega-se ao final de semana com uma triste constatação: a instituição UFSC foi maltratada do começo ao fim por parcela de agentes policiais, de professores, de estudantes e até por quem dirige a universidade.

O que era para ser uma operação elogiável, a de investigar o consumo e o tráfico de drogas no seio de uma casa do saber, não foi bem concluída quando se estabeleceu o confronto e o próprio superintendente em exercício teve dificuldade em dialogar. Usou, como se diz no popular, o by the book. Seguiu as leis e a cartilha da corporação policial, um procedimento que naquele caso poderia colocar vi-

das em risco. As autoridades perderam a oportunidade de priorizar a diplomacia no sentido de fazer com que o panorama voltasse ao clima de normalidade. Mais do que isso, passaram do ponto ao enlamear em cadeia nacional a instituição atribuindo a ela a pecha de "república de maconheiros", uma expressão desastrada. Ao rebater essa postura, a Reitoria iniciou a sua série de equívocos. A começar por se dizer surpreendida por uma operação da qual a administração da universidade tinha conhecimento. Era só ouvir o chefe de Segurança, que ele passaria detalhes do ocorrido. O equívoco mais grave, no entanto, foi permitir que o campus e a sede da universidade que abriga 43 mil estudantes ficassem à deriva, com radicais comandando assembleias nas quais exigiam o fim do policiamento no campus, desrespeitando a bandeira nacional em detrimento de um pano vermelho e determinando quem devem entrar ou não no ambiente universitário.

Só mesmo a imaturidade de alguns jovens e a má formação de outros explica que o protesto dos universitários contrariados com a ação policial de terça-feira tenha sido canalizado para a depreação

de veículos, conduta inadmissível e cujos autores devem ser punidos. Além disso, é impensável cogitar atender à principal reivindicação dos jovens que ocuparam a Reitoria: veto à polícia no campus.

Houve, é verdade, gestos de bom senso, como o diálogo de um professor com o superintendente da PF, esforçando-se pela saída negociada. Mas o que dizer da atitude da professora que se sentou no capô de uma viatura policial para impedir a saída do veículo?

O desafio é fazer com que a universidade reveja a sua postura de isolamento e assuma o papel de fomentadora de debates propositivos e plurais. Para isso a gestão atual deve refletir sobre posições que, aos olhos da sociedade, soam sectárias, seja para discutir a mobilidade urbana ou para liderar um debate sobre a tolerância ou a repressão às drogas, já que políticas repressivas por parte do poder público, como as adotadas na maioria dos países, têm se mostrado ineficazes.

À Polícia Federal, igualmente, cumpre fazer a lição de casa. Se no seu papel não se inclui o diálogo permanente como regra para atuar no combate ao crime, não podem seus agentes se considerarem imunes a contrapontos e, muito menos, se acharem no direito de desqualificar instituições. Num episódio no qual ninguém tem razão o prejuízo é de todos. Você, leitor, concorda?

A Opinião da RBS foi publicada antecipadamente no site do DC. A questão proposta aos leitores foi a de que ninguém acertou no episódio do confronto no campus da UFSC. Você concorda? Os demais comentários estão em diário.com.br

Os leitores discordam

A polícia agiu de forma legal. Se não houvesse a intervenção dos pseudorevolucionários, levariam o detido, que assinaria os protocolos e estaria liberado. Tudo tão simples.

*Gustavo Ciriaco Silva, via Facebook
São José*

Discordo. Sou favorável à ação da polícia.

*Dudu Schneiderk, via Facebook
Urussanga*

Discordo, pois a luta pela liberdade e contra repressão não é errônea.

*Renan Machado Toniello, via Facebook
Florianópolis*

Quem acendeu o estopim foram os jovens que resolveram se drogar numa instituição de ensino.

*Álvaro Dias, via Twitter
Florianópolis*

Discordo, pois a polícia estava correta. Errou quem cometeu a infração, quem queria impedir a responsabilização, quem defendeu e fez apologia ao anarquismo e à criação de um local sem lei. E quem se curvou aos interesses de uma minoria.

*Marcelo Gazzoni, via Facebook
Florianópolis*

Não concordo. Acho que estão dando muito espaço para quem não tem razão tentar explicar o inexplicável. Vergonha.

*Izabel Cristina Silva, via Facebook
Palhaça*

Não concordo. A situação só ficou como ficou por culpa dos professores e alunos que tentaram impedir a saída dos policiais com os detidos. Se eles tivessem ido com as autoridades sem interferências, a ação não teria tomado a proporção que tomou.

*João Rudini Sturm
Florianópolis*

Os leitores concordam

Concordo. A imagem da universidade está comprometida. Não foi um protesto por melhorias no campus ou no RU. A maioria está ali para estudar.

*Márcia Lima,
São José*

Todos erraram em algum momento nisso tudo. Inclusive hoje (sexta-feira) na frente da Reitoria.

*Jossie Sakura, via Facebook
Florianópolis*

Ninguém acertou mesmo.

*André Cardoso, via Facebook
Florianópolis*

Diário Catarinense

Diário da Redação

“Tiroteio de versões”

Tiroteio de versões / Universidade Federal de Santa Catarina / Polícia Federal / Polícia Militar / Diogo Vargas / Paulo Machado / PF / Segurança / UFSC / Leandro Oliveira / Reitoria / Viatura

DIÁRIO CATARINENSE, DOMINGO, 30 DE MARÇO DE 2014

27

Diário DA REDAÇÃO



DIRETOR DE REDAÇÃO
RICARDO STEFANELLI
ricardo.stefanelli@diario.com.br

Tiroteio de versões

Tem sido cada vez mais difícil e fascinante exercer o Jornalismo, e o episódio envolvendo a Universidade Federal de Santa Catarina serve para corroborar as mudanças que ocorrem no comportamento da sociedade – e nos meios de comunicação.

Poucas vezes foram vistos dois lados opostos tentando, com tanta ênfase, vender uma versão. Para que isso seja possível é preciso tentar cercear ou dificultar o trabalho da imprensa. Porém, paradoxalmente, os obstáculos acabaram fazendo com que o caso fosse esquadrinhado às minúcias.

O público pôde escolher entre um lado e outro para defender, uma opção tomada por experiência de vida ou por ideologia. Para formar um juízo de valor, porém, os catarinenses tiveram todas as condições de saber exatamente o que ocorreu dentro do campus da universidade.

O Diário Catarinense, para minha satisfação, preocupou-se desde o início em esclarecer os fatos. E so-

mente hoje o DC opina no Editorial ao lado – agora que todas as luzes foram jogadas sobre aquele episódio. Ainda na terça-feira, horas depois do confronto, o DC conseguiu ouvir todos os lados: a reitora, a advogada dos cinco estudantes detidos, o superintendente da Polícia Federal e o comandante do policiamento militar (PM) da Capital. As quatro entrevistas colocadas lado a lado acabaram pautando os debates da semana toda.

No dia seguinte, o repórter Diogo Vargas obteve um documento valioso, revelando com exclusividade o pedido oficial da universidade à Polícia Federal, ainda em 2013, para investigar o consumo e o tráfico dentro do campus. Na quinta-feira, os próprios manifestantes trouxeram à luz um diálogo muito importante para compreensão do conflito: dois minutos de conversa entre o professor Paulo Machado e o chefe da Polícia Federal mostrando a tentativa do docente de evitar o confronto e a disposição do agente poli-



cial de conduzir os detidos à sede da PF com ou sem uso da força.

Na quinta-feira o DC colocava a mão no boletim de ocorrência registrado pelo próprio diretor de Segurança da UFSC. No documento, Leandro Oliveira revela que estava ao lado dos agentes federais que empreenderam a operação policial no campus – contrariando assim a versão inicial da Reitoria, que se dizia surpreendida pela ação policial. O documento ainda revelava a infiltração de pessoas estranhas à UFSC no confronto, o furto de objetos,

equipamentos e dinheiro e outras informações valiosas para se entender o que se passou no campus naquela triste tarde.

Sexta-feira, continuando a guerra de versões, policiais federais divulgaram outro vídeo elucidativo que, segundo eles, mostrava uma professora sobre o capô de uma viatura policial estimulando os alunos a impedirem a saída dos agentes federais.

Esse é o fascínio. Junto às divulgações de um lado e outro, à imprensa cabe promover apurações

próprias ou certificar a veracidade e relevância do material divulgado por terceiros ou mesmo pelos interessados. Radiografar o episódio e permitir ao público uma opinião embasada em cima de fatos, e não apenas de versões.

O silêncio das investigações policiais, as versões emanadas da Reitoria ou a tentativa dos estudantes de manter a imprensa longe não impediram o total esclarecimento. Ao contrário: pode-se dizer qualquer coisa a respeito desse confronto no campus, menos o de que ele continua sob brumas. Não há mistério algum.

Por isso hoje o Diário Catarinense opina em seu Editorial, manifestando sua visão de que este é, infelizmente, um filme sem mocinhos. E abre espaço para os leitores se manifestarem, afirmando se concordam ou não com a visão do jornal. Não temos a pretensão de sermos os donos de uma verdade, ainda mais uma verdade tão controversa quanto essa.

Diário Catarinense

Cacau Menezes

"Perdidos"

Perdidos / UFSC / Fernando Sabino



Diário Catarinense

Moacir Pereira

"Inquéritos"

Inquéritos / Polícia Federal / Sonia Maluf / UFSC / PF



Diário Catarinense

Visor

“Ninguém sabe, ninguém viu”

Ninguém sabe, ninguém viu / Clyton Eustáquio Xavier / Polícia Federal / SC / Crise / UFSC



Diário Catarinense

Carolina Bahia

“Chegou à Esplanada”

Chegou à Esplanada / Henrique Paim / Ministro da Educação / Ministro da Justiça / José Eduardo Cardozo / Crise / UFSC / MEC / Polícia Federal



Prejuízos depois da invasão / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Centro de Convivência / Estudantes / Ocupação / Prédio da Reitoria / José Carlos Martendal / Movimento estudantil Polícia Militar

● UFSC recupera prédio depois da invasão.

pág. 5

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 2014

Cidade | 5

Prejuízos depois da invasão

UFSC. Gastos para recuperar o prédio da reitoria devem chegar a R\$ 3.000 com limpeza e pintura



Reforma. Durante o fim de semana equipes trabalharam para restaurar espaço da universidade federal catarinense

HYURY POTTER
hyury.potter@noticiasdodia.com.br
@ND_Online

Pichações nas paredes e muita sujeira. Equipes de limpeza da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) tiveram trabalho no fim de semana, após a saída dos ocupantes do prédio da antiga reitoria, no campus de Florianópolis. O prejuízo provocado pelos reparos pode chegar a R\$

3.000, de acordo com a empresa contratada para realizar o serviço de pintura. Um grupo menor, com cerca de 30 pessoas, está no prédio do Centro de Convivência do campus.

No sábado pela manhã, a equipe de limpeza da UFSC chegou para começar a limpar o lixo deixado pelos estudantes, que ocuparam o antigo prédio da reitoria por quase três dias. “Estava uma bagunça o salão

principal”, disse um segurança do campus, que preferiu não ter o nome revelado.

Proprietário da empresa contratada para pintar o prédio, José Carlos Martendal, 46, avalia o prejuízo, mas ressalta que nenhum bem foi danificado. “O que estamos fazendo é basicamente um trabalho de pintura, pois algumas paredes foram pichadas. Nada foi quebrado, as salas administrativas estavam fechadas

e ninguém parece ter entrado nelas. Acho que isso aqui deve ficar entre R\$ 2.000 e R\$ 3.000”, contou, projetando que hoje tudo estaria pronto.

A saída dos estudantes do prédio foi negociada na tarde de sexta-feira, após longa conversa. Um grupo menor, de aproximadamente 30 pessoas, foi para o prédio do Centro de Convivência no campus. No sábado, alguns alunos conversaram com a reportagem e

negaram que eles estejam ocupando o local. Afirmaram quem estão “apenas usando um espaço para integração estudantil”. Nenhum representante da reitoria da universidade foi encontrado para falar sobre o assunto.

Uma reunião está marcada para as 10h de hoje entre estudantes e reitoria, para tratar questões da atuação do movimento estudantil em novas causas, e sobre a Polícia Militar no campus.

Notícias do Dia

Paulo Alceu

“Diferenças”

Diferenças / Universidade Federal de Santa Catarina / Cessão / Duplicação da Rua
Deputado Antônio Edu Vieira / Obra / Paulo Afonso Vieira / César Souza Júnior

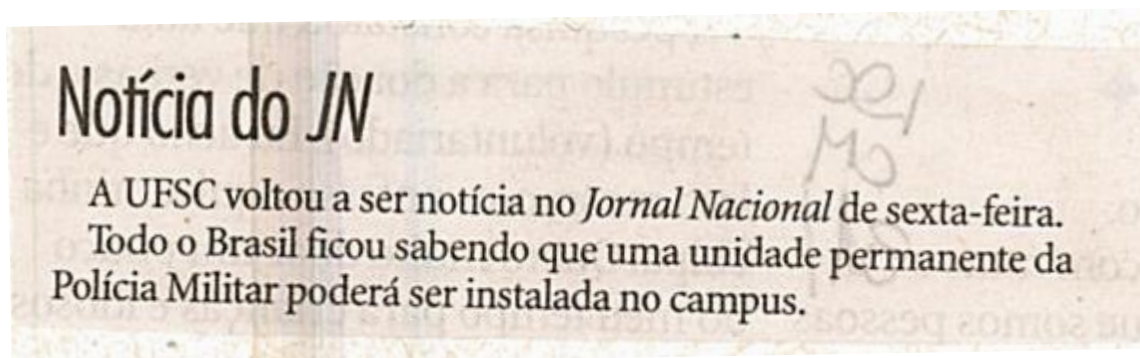


Diário Catarinense

Cacau Menezes

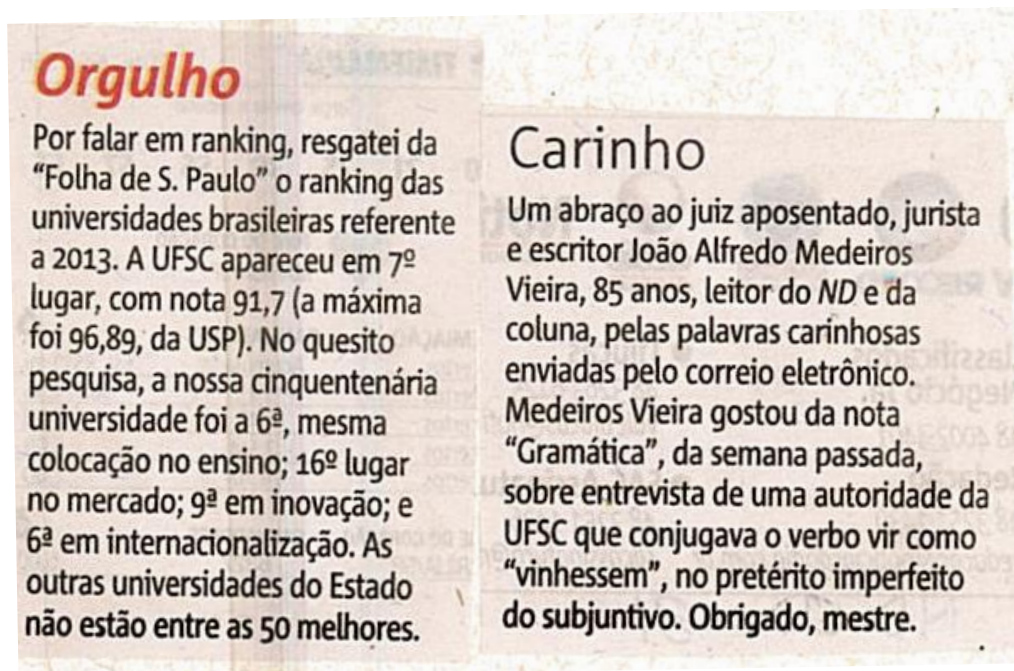
“Notícia do JN”

Notícia do JN / UFSC / Jornal Nacional / Brasil / Polícia Militar



Notícias do Dia
Carlos Damião
"Orgulho / Carinho"

Orgulho / Carinho / Ranking / Universidades brasileiras / UFSC / USP / Pesquisa / Ensino / Mercado / Inovação / Internacionalização



Diário Catarinense
Geral

"Protestos na UFSC – A opinião de pais sobre o conflito"

"Protestos na UFSC – A opinião de pais sobre o conflito / Segurança / Confronto / Reitoria / Curso de Direito / Polícia / Reitora / Maria Nogueira / Cinara Heidmann / Luciano Bender / Juliana Desterro / Universidade Federal de Santa Catarina / Manifestações / Curso de Odontologia / Centro de Ciências da Saúde / Reitoria / Sonia Maluf / Solidariedade / Polícia Federal / Ato / Vice-diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Roselane Neckel



PROTESTOS NA UFSC

A opinião de pais sobre o conflito



SEGURANÇA NO CAMPUS

O que pensam os pais sobre a segurança dos filhos que estão na UFSC? O DC ouviu alguns. Outros se manifestam nas redes sociais. Enquanto o tema presença policial é avaliado pela reitoria, entre os pais vale o consenso de que segurança nunca é demais e que a questão está ligada a crimes contra a comunidade acadêmica.

Meu filho é estudante de Direito e já teve por duas vezes seu carro arrombado. Em uma das vezes, levaram uma mochila com livros, um celular da empresa em que ele trabalha e um par de tênis. Isso não tem a ver diretamente com o uso de maconha ou outra droga, mas com a malandragem que se sente livre da polícia para agir. Concordo que a polícia deva estar no campus!

MARIA NOGUEIRA
por telefone

Como pai de ex-aluna da UFSC, quero me congratular com os milhares de pais de estudantes de verdade que querem a entrada da polícia no campus, pois não suportam mais conviver com a onda de roubos, tráfico de drogas e outros delitos que acontecem diariamente no cotidiano da universidade e que no momento são acompanhados pacificamente pela reitoria e seus subordinados administrativos. E temos que fazer Justiça e deixar de uma vez por todas de tratar o bando de vândalos, vagabundos, xixias vermelhos que invadiram a reitoria.

DÉCIO
Via Facebook

Meu filho é calouro na Engenharia e não participou das manifestações, pois o prédio fica mais distante de onde foi a confusão. Mas eu gostaria que a polícia estivesse mais presente, pois isso daria mais segurança para todos os estudantes.

CINARA HEIDMANN
Por telefone

Que bom escutar a opinião dos pais que, SIM, querem seus filhos estudando e se formando. Afinal, é para isso que estão lá na Universidade Federal de Santa Catarina.

JULIANA DESTERRO
Via Facebook

Como pai, quero segurança para o meu filho, mas acho que tem que ser uma polícia mais preparada para estar dentro de uma universidade. Não pode chegar achando que todo mundo é bandido. Já fui jovem e sei como a gente reage nessa idade quando se sente provocado.

LUCIANO BENDER
Por telefone

Previstas duas manifestações

Duas manifestações estão previstas para a manhã de hoje na UFSC. Uma é organizada por estudantes de Odontologia e reclama da falta de condições das clínicas que estão lacradas. Está marcada para 9h30min, com saída do Centro de Saúde até a reitoria. A outra reúne alunos, funcionários e professores em solidariedade à professora Sonia Maluf, que deve ser indiciada pela Polícia Federal por crime de resistência à prisão e danos. O ato está chamando para as 12h e também pretende chegar à reitoria. Na terça-feira, a vice-diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas sentou-se no carro onde os policiais haviam colocado um estudante que seria levado. Sua preocupação, explicou, foi a integridade do aluno. Não há confirmação de encontro com a reitoria Roselane Neckel.

Diario.com.br

> Você é pai ou mãe de estudante da UFSC? Dê sua opinião no site

Notícias do Dia

Luiza Gutierrez

"Descaso"

Descaso / Forte de Santo Antônio de Ratones / Ponta do Sambaqui / Patrimônio histórico / Rodolfo Pinto da Luz / Reitoria / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Fortalezas



Diário Catarinense - Marcos Espíndola

“Notícias do Iraque”

Notícias do Iraque / EdUFSC / Livro / Bernardo de Azevedo Brito / Saddam Hussein / Winston Churchill



Diário Catarinense - Visor

“Apagão na UFSC”

Apagão na UFSC / Elevador / Prédio do Espaço Físico / Manutenção



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.